

Renato Suttana

# Lâmina

(e outros poemas)



[http://www.arquivors.com/renato\\_lamina.pdf](http://www.arquivors.com/renato_lamina.pdf)

*Primeira versão: 2006*  
*Texto revisto e atualizado: 2015*

A distribuição deste livro é gratuita e se destina ao uso privado. A obra escrita nele contida não poderá ser adulterada ou reproduzida, no todo ou em parte, para quaisquer fins que não o especificado, sem o prévio consentimento de seu autor.

e-mail para contato:  
[arquivosuttana@yahoo.com.br](mailto:arquivosuttana@yahoo.com.br)

*Copyright* © Renato Suttana, 2006

*“I came in from the wilderness  
a creature void of form”  
(Bob Dylan)*



## SUMÁRIO

<u>I / LÂMINA.....</u>	<u>7</u>
<u>II / INSÔNIA.....</u>	<u>8</u>
<u>III / DO FUNDO.....</u>	<u>9</u>
<u>IV / AO NÍVEL DO CHÃO.....</u>	<u>11</u>
<u>V / O PROBLEMA.....</u>	<u>12</u>
<u>VI / AMANHEÇO (I).....</u>	<u>15</u>
<u>VII / EM SONHOS.....</u>	<u>16</u>
<u>VIII / OURO, MANHÃ.....</u>	<u>17</u>
<u>IX / DEPOIS DE UMA NOITE.....</u>	<u>19</u>
<u>X / AMANHEÇO (II).....</u>	<u>21</u>
<u>XI / IMÓVEL.....</u>	<u>22</u>
<u>XII / COOPER.....</u>	<u>23</u>
<u>XIII.....</u>	<u>26</u>
<u>XIV.....</u>	<u>27</u>
<u>XV.....</u>	<u>28</u>
<u>XVI / PRESSA.....</u>	<u>29</u>
<u>XVII.....</u>	<u>30</u>
<u>XVIII.....</u>	<u>31</u>
<u>XIX.....</u>	<u>32</u>
<u>XX.....</u>	<u>33</u>
<u>XXI / O MAIS AGUDO GRITO.....</u>	<u>35</u>
<u>XXII / ELEGIA BREVÍSSIMA.....</u>	<u>38</u>
<u>XXIII.....</u>	<u>39</u>
<u>XXIV / MÁGOA E LODO.....</u>	<u>41</u>
<u>XXV.....</u>	<u>42</u>
<u>XXVI.....</u>	<u>44</u>
<u>XXVII.....</u>	<u>47</u>



## I / LÂMINA

Uma lâmina de sol  
no teu olho  
deserto

As crianças brincam  
entre risos e poeira  
na tarde azul  
(Estar em paz  
te convém)

Tua mente  
equilibra-se agora –  
depois do labirinto  
depois da noite  
depois do frio

A tarde é lúcida  
e toda ela  
em setembro.

## II / INSÔNIA

Vedava todas as frinchas  
na esperança de que  
a escuridão  
trouxesse o sono

Mas a escuridão não trazia  
o sono  
Antes a escuridão  
apenas despertava  
novos pensamentos  
apenas despertava  
novas imagens  
que boiavam cegas no pensamento  
à procura de um  
impossível  
dia

A mulher dormia em silêncio ao meu lado  
Lá fora a cidade dormia em silêncio  
Mas o desejo de saber  
nada sabia  
sobre isso.

### III / DO FUNDO

Tentando sacar  
do fundo deste velho eu  
um punhado de areia de sono  
para derramá-lo sobre a doçura do dia  
e empalidecê-la um pouco

Venha o sono depois  
com suas engrenagens e seus ecos  
e distribua suas figuras  
sobre o que foi o pensamento  
e faça dele o que ele

Tudo é difícil neste setembro  
Tudo é esforço de manter-se à tona  
de conquistar equilíbrio entre gumes  
de não envelhecer entre flutuações  
entre projetos e dissipações  
(que pouco a pouco  
transformam o dia num  
equivoco)

Não estar assim  
Não ser aquele que está assim  
entre coisas que  
pouco a pouco  
vão adquirindo nitidez  
Ser uma coisa superior mais nítida  
mais sóbria  
em condições de conceder nitidez

às outras coisas:  
luz de sol sobre os jardins  
fiapo de sol fragmento do dia estendido sobre uma  
mesa

Mas não isso  
não esta ideia de diminuição  
que tem envenenado setembro  
que tem desatrelado os cavalos do pensamento  
e transformado em ruínas  
as estruturas dos sentidos

sem nada repor depois do golpe

Que venha o dia  
que venha a velha solicitude do dia  
para lançar os seus dados os seus grãos as suas  
moedas  
para abrir os seus caminhos  
para libertar os seus ventos

sobre nós (porque é sempre sobre nós  
que se desatam)

Mas antes é preciso dormir e  
estar curado das feridas  
Antes é preciso aprender  
que ser  
a parte do dia que se abre para o dia  
depende de ser  
uma parte de nós que esteja aberta para o dia.

## IV / AO NÍVEL DO CHÃO

Sempre retornamos  
ao nível do chão

Não importa a extensão do voo  
não importa a altura atingida  
se comparada com a precariedade das asas  
Não importa que se tenha ultrapassado um limite

Sempre retornamos  
ao nível do chão  
ao nível do chão daquilo que é o chão  
por entre as pedras e os galhos secos e as folhas  
secas

do chão  
no chão  
que dá a medida (ponto de partida  
ponto de chegada) de tudo quanto  
somos capazes de arder:

que dá a medida da ultrapassagem  
do fogo que somos capazes de arder

Sempre retornamos  
ao nível do chão.

## V / O PROBLEMA

Há um problema a resolver  
na noite deserta

A escuridão não ajuda  
a resolvê-lo  
A fresta da janela  
a réstia de luz que vem de fora  
não ajudam  
a resolvê-lo

Estar desperto na escuridão  
sentindo que a escuridão  
se adensa mais  
quando olho para ela  
estar a revolver os meus pensamentos  
a trinta quilômetros  
do sono  
na treva  
nada disso contribui  
para solucioná-lo:  
nem revirar-me na cama  
nem concentrar-me num ponto  
que parece mover-se  
mais depressa  
quanto mais me concentro  
quanto mais

Há um problema a resolver  
na noite profunda



sobre a realidade lenta  
da rua

Quando o dia veio crescendo  
carregado de expectativa  
sobre o silêncio  
da cidade  
ainda adormecida  
ainda imersa  
  
no esquecimento.

## **VI / AMANHEÇO (I)**

Amanheço  
entre novas ideias

Não me lembro  
do que ontem pensei  
(se é que o pensei)  
de nenhuma conclusão  
a que cheguei:  
de nenhum verão  
sob cujo peso  
    ardi  
De nada  
    em definitivo

Não me lembro

Começo de novo  
    e devagar  
sem concluir aquilo  
    que  
    não fui.

## VII / EM SONHOS

Em sonhos ainda tomo aqueles banhos  
no banheiro da velha casa

Em sonhos ainda me acomodo  
    àquela mesa rústica  
feita de madeira barata  
    escalavrada  
que os anos e os cupins consumiram  
    completamente

Em sonhos ainda ouço aquelas vozes  
que o tempo fixou como figuras num vitral:  
    e durmo as mesmas noites  
    e amanheço para os mesmos dias

Em sonhos ainda estou lá  
e vagueio por aqueles mesmos cômodos  
e não sou ninguém  
que poderia se lembrar disso  
    agora.

## VIII / OURO, MANHÃ

Se ser inverno  
    não me basta  
olho pela janela  
à procura de sol  
onde há apenas  
    julho  
e o meu coração a pulsar sob o peso  
    do frio  
    Olho

e o que vejo lá fora  
duplica o sol  
    no meu olho

E a rua por onde passam aqueles que se dirigem para  
a manhã  
como se a noite não tivesse  
    acontecido  
senão como uma grande asa  
um grande sossego  
em condições de acolher  
    os voos –  
é a rua por onde passam  
    aqueles que se dirigem  
    para a manhã

Olho pela janela  
e avisto um voo –  
anônimo claro

isento  
na manhã de julho gelada –  
a atravessar também  
em direção  
à manhã  
e em direção ao amanhecer  
que se estende  
sobre os telhados

É como se a noite  
nada tivesse  
desmentido  
em nossos sentimentos  
antigos e vãos.

## IX / DEPOIS DE UMA NOITE

Depois de uma noite  
passada em vigília  
a presença do morto  
se desgasta um pouco

A vida dos vivos  
se desgasta um pouco  
ela também –  
e tudo o mais permanece como que  
inalterado

Pela manhã  
recrudescer a dor  
E as sombras que tinham dormido na noite  
(que se despiram de si mesmas  
na noite)  
se põem de novo em movimento  
e as aflições recrudescem  
(E tudo o mais permanece inalterado)

Levamos o morto para a sepultura  
(seu olho ausente já não nos enxerga  
como outrora:  
e sua boca é silêncio)  
Com o penhor da fadiga da noite  
e das preces  
e dos pensamentos  
exauridos  
que a noite dilapidou lentamente

(A felicidade, pensamos,  
não é a regra geral  
não é sequer uma regra  
deste mundo)

O silêncio do morto  
desgasta as vozes  
ao redor.

## **X / AMANHEÇO (II)**

Amanheço  
entre outras coisas

E não me lembro  
de quem ontem fui  
(do que ontem pude  
    tentei  
    como um náufrago tenta  
salvar-se nadando  
    por cima das ondas)

Nada nos acontece  
    em definitivo:  
porque nada é definitivo

Começo de novo  
    lesto  
sem me lembrar  
    do que ontem fui  
    existi.

## **XI / IMÓVEL**

Quando falo  
o que se move são os meus lábios  
Meu pensamento permanece imóvel  
a fitar um ponto  
no chão

Quando penso  
o que se move são os meus olhos  
Minha intenção não se adianta às coisas  
mas permanece  
imóvel  
fitando um ponto negro no espaço

(Avançar é rude  
como a tarde é rude  
rude por dentro e rude ao meu redor  
e as horas em que se resolve passam rudemente  
como se ser setembro as tornasse enormes  
e brutas)

O dia não é neutro  
e estar imóvel  
é continuar.

## **XII / COOPER**

1

Se não fossem essas três adolescentes  
para enfeitar  
para amenizar  
o silêncio da avenida  
poeirenta  
tudo por aqui seria só  
solidão.

2

Um olho de lince pregado nelas:  
e o rapaz  
que se debruçou no muro  
para espiar.

3

À minha direita o planeta Marte  
e à minha esquerda  
a outra metade  
do infinito.

4

Raro amarelo  
sobre um fundo verde –  
o ipê

Desgrenhado  
esquálido  
ainda assim também  
quer ser  
belo.

5

Há o belo  
e há o jovem

E há estas duas mulheres  
que se exercitam  
caminhando rápidas  
na tarde.

6

Imerso em meus  
pensamentos  
mal me dou conta  
de que

meus braços e  
pernas.

7

Vou  
    a algum lugar:  
a fadiga que busco  
    a dispersão que busco  
têm um sabor  
de já estar lá.

### XIII

Que se diz: *da terra*  
como se diz a maçã  
como se diz a pera entre os dentes  
o sumo da laranja

Que se diz totalmente  
na boca  
de pronunciar os caminhos  
numa tarde de evocações

Que se diz *deste lado de tudo*  
como se diz o olho de um cachorro  
como se diz  
a serpente entre os arbustos  
e a casa  
entre as metáforas

(De onde não se precisa descer  
aonde não se precisa subir  
porque é ali que se deve estar  
como uma réstia  
de sol  
numa parede  
ou a se projetar sobre uma mesa)

A coisa. Verdadeira: o seu centro  
a sua fogueira interior  
a sua amêndoa  
o seu peso na tarde solar.

## XIV

O pai ficava  
em silêncio  
a pensar numa solução  
para aquilo  
(Mas não havia solução  
para aquilo)

A mãe  
orbitava ao redor  
como uma mariposa ao redor  
(mas não havia coisa nenhuma  
ao redor da qual  
se pudesse  
orbitar)

Um pensamento baço  
entorpecia a tarde  
e era um pensamento  
sem pensamento –  
uma faca  
talvez  
sem a lâmina  
um osso  
que se atirasse  
por cima do muro

(O tempo jamais  
deixou de passar)

## XV

Em minhas origens há o sol  
e há estes cabelos de vento  
    flutuando ao sol  
num dia sem amarguras

Há um azul verdadeiro  
e as penas de um galo  
intrometendo-se no dia  
como rubras adagas  
    rubros  
    punhais

que nada solicitam

Em minhas origens há uma água  
que flui – inteiramente – por fora  
e que sacia a minha sede  
(bebida entre mãos pacificadas) –  
que não vem de pensar  
    mas de ser

Há o ser  
e estar sentado aqui, a olhar para lá  
entre a sombra do ipê que me salva  
e as grandes mágoas  
    de amanhã.

## **XVI / PRESSA**

Havia pressa como havia  
o sumo  
do fruto rechonchudo  
Havia  
urgência  
como havia o tempo  
invisível  
a apodrecer por dentro  
o que não se podia  
reter.

## **XVII**

Um palhaço  
cuja maquiagem se desfez na chuva  
difícilmente poderia fazer do futuro  
uma coisa engraçada

Uma formiga  
atarefada em carregar uma folha  
daria pouco lucro  
para um banco

Uma árvore  
cujas folhas caíram no inverno  
enfeitaria pouco  
uma paisagem

Um cão sem dono  
com a pele escoivarada pela sarna  
não poderia ser útil  
à sociedade

## **XVIII**

A tua nudez me desconcerta  
desloca o meu centro de gravidade  
me lança no fogo  
das exortações.

## **XIX**

Há uma busca tremenda de *ser*  
nesta tarde em que nos pesa a memória  
daquilo que se perdeu.

**XX**

Os pensamentos moviam-se  
como serpentes  
contorciam-se  
sobre si mesmos

(Por dentro  
uma apreensão verdadeira  
instituí a dia  
ao mesmo tempo  
em que o sufocava com o seu peso –  
seus amanhãs)

Mas para quê os pensamentos  
se os pensamentos  
na tarde cinzenta  
mal resistiam ao mormaço do outono –  
mal resistiam  
ao peso do que  
tentavam segurar?

Tudo era fútil:  
a hora com os seus faróis  
o sonho e as suas guitarras  
a formiga e os seus portulanos  
Tudo era a sombra que se  
alargava  
lenta  
sobre uma coisa  
que os pensamentos perdiam

no outono

(Flores de gesso não  
poderiam jamais  
    enfeitar  
aquele naco  
    de melancolia)

## **XXI / O MAIS AGUDO GRITO**

A tarde dadaísta  
à tarde  
se equilibrava sobre um  
    fio  
        estava por um fio  
        como a noção da  
        alegria  
        como a nossa alegria  
naquele outubro  
    terrível  
naquela primavera infernal

(Outubro se tornou  
o mais cruel dos meses  
    mordeu  
com a sua mandíbula seca  
    a mão que o afagou  
    cuspiu  
Tornou-se dentro de pouco  
uma completa  
    ruína  
ou como um pensamento de ruína  
    uma bolsa  
    jogada fora  
        à margem  
como uma esperança de sol que se frustra  
após a chuva)

A tarde

crescia como um arco  
como uma criança  
depressa demais  
depressa demais para a nossa  
                  mera inconsciência  
instável demais para que um pensamento dela  
para que uma ideia que se fizesse  
                  dela  
inútil demais para que se fizesse  
                  dela  
                  uma ideia  
                  qualquer  
                          ideia

E eram setembros soterrados  
                  janeiros  
                  devastados  
trocados por trinta dinheiros  
                  dentro de nós  
                  que de nada sabíamos  
                  e apenas suportávamos  
o inútil calor da estação

Uma duas três  
eram as horas daquela tarde  
daquela fadiga  
                  daquela tarde  
que não vinha de se ter feito qualquer esforço  
mas não importava:  
                  havia os ipês  
                  florindo ferozmente  
                  como buquês de roxo

e atapetando de flores  
a terra agradecida  
e a terra

Agudos  
nítidos demais  
para aquele outubro

(Trocavam-se inteiramente  
num esforço inacreditável  
por flores roxas  
e berravam  
e zuniam  
na tarde  
de outubro)

O pensamento  
jamais seria o bastante  
jamais seria suficiente  
para apascentar  
aquele princípio  
aquele caos.

## **XXII / ELEGIA BREVÍSSIMA**

Uma vez traído  
    outubro  
entregue aos ventos da  
derrelição.

### XXIII

Meio palhaço não é suficiente  
para fazer rir  
toda uma plateia  
para fazer rir  
uma alcateia

(Era como se tivéssemos perdido  
parte  
do sol  
naquele outubro  
E caminhávamos  
lentamente  
e estávamos certos de  
uma coisa

Mas não havia  
nada para encontrar:  
nada que estivesse lá  
para ser encontrado  
E então a noite testemunhava  
contra nós

baixava  
com o peso de mil remorsos  
de mil mágoas sufocadas entre mil  
recordações  
farrapos  
destroços de tentativas)

(Nada é suficiente  
quando se lê no voo dos pássaros  
quando não se lê  
(não se concebe)  
quando não  
    se  
quando se voga à deriva  
quando se desce  
    à deriva  
sem a diretiva  
    do mar  
    sem a direção  
)

Um pássaro a planar  
sobre um precipício  
era um pensamento  
    naquele outubro  
à beira de um cais  
    (mas não havia  
    o cais)

à beira  
de um poço

Essa imagem  
    o pássaro.

## **XXIV / MÁGOA E LODO**

Mágoa  
e lodo  
acumulavam-se  
no coração entorpecido  
    pouco exercitado  
    no voo

    E acumulavam-se  
pesando-o  
puxando-o para baixo  
cada vez mais para baixo  
tornando-o mais lento  
    até o  
    afogamento.

## XXV

Já não posso me esquivar  
do teto  
    que desmorona

Se o teto desmorona,  
    se dou  
    a este cavalo  
    um nome dúbio  
se transporto comigo para o norte  
    a soma  
    das perplexidades  
    o dia (se  
    quando penso ser  
        o herói  
de minha própria comédia,  
    estou apenas  
    a blefar?)

Nada alcanço  
    não sou  
    senão  
    um esboço vago  
daquilo que não terei de ser  
    que sou obrigado  
a ser  
porque as horas assim  
    o determinam

Nada posso salvar

do tempo  
quando desmorona  
ao redor.

## XXVI

Sete corvos adiante  
aguarda o futuro  
    Entre fracassos  
    testemunhos  
    desmantelamentos  
talvez consigas atravessar  
    a parte turbulenta  
E então  
    sete corvos adiante  
        encontrarás  
        o futuro

Ou não

Pode ser que  
nada te espere  
do outro lado  
que  
    pode ser  
    a próxima manhã  
    que o próximo sol  
    não seja mais  
    que  
        um prosseguimento  
        um passo  
        à frente  
        a noite –

e então encontrarias do outro lado

o próprio escuro do qual intentaste  
fugir  
do qual não pudeste fugir –  
e o atravessaste de extremo a extremo  
até o outro lado  
ao que imaginavas ser  
o outro  
lado

(O que é o outro lado?  
Que esperanças terias  
de atingir um outro lado?  
Como poderias conceber  
na tua cegueira  
um outro  
lado –  
o que quer que fosse?)

Sete corvos adiante  
onde talvez exista  
um outro lado

Pode ser que não consigas e que  
do outro lado  
só encontres  
exatamente  
só encontres  
a mesma coisa  
a mesma escuridão  
de coisa  
sem amanhecer –

onde  
sete corvos adiante  
sete  
lâminas  
está a te aguardar  
o gênio do futuro  
como uma sentinela  
aquecendo-se ao fogo  
aceso pelo inimigo

(Pode ser que  
não o consigas  
nem mesmo saltando  
de dois em dois degraus  
nem mesmo te precipitando  
te atirando  
na vertigem)

## XXVII

Sempre um  
expatriado

Nada me faz retornar

Se concebo  
na treva  
do sono  
    um porto ao qual  
        me dirigir  
(um cais de sonho onde possa ancorar)  
é só por desfastio  
    inércia  
        em mim  
de todos os portos:

    estão fechados  
    para os que chegam  
    para os que foram abandonados  
    por aqueles que vão  
    (e já não os buscam  
    já não os procuram  
    mais)

Sempre um  
expatriado  
    na curva  
    do próprio pensamento:  
    e sem um caminho ou

uma rota  
que me leve  
de volta  
a um país aonde não desejo  
ir

(E mesmo que tivesse  
um caminho  
uma rota  
não iria  
a esse país  
porque é só o país  
aonde não quero  
ir)

Seria no inverno  
no verão  
Seria entre os pigmeus  
ou na Malásia  
ou num quarto de hotel  
ou em casa

Na treva  
de uma noite qualquer  
parado

Não há como  
retornar.